

CARROSSEL DA LEITURA: PEDAGOGIAS POSSÍVEIS PARA OS ESTUDOS EM DANÇA

JOANA BOTELHO MARRERO¹; FRANCINE SAMPAIO DE SOUZA²; JOSIANE
FRANKEN CORRÊA³

¹UFPEl – joana.bmarrero@gmail.com

²UFPEl – francinesampaioedesouza@gmail.com

³UFPEl – josianefranken@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho surge a partir do projeto unificado com ênfase em pesquisa Ensino Contemporâneo de Dança na Educação Básica: pedagogias possíveis (OMEGA UFPEl/CNPq), onde foi proposta para o semestre letivo 2023/1 a realização de um “carrossel da leitura”, que tem como objetivo promover estudos teóricos sobre dança na escola de forma lúdica e colaborativa, articulando, debatendo e registrando os conhecimentos produzidos a partir desta ação. Está vinculado à ação de pesquisa “guarda-chuva” intitulada “leitura e estudo de textos” que tem como objetivo realizar a leitura introdutória sobre os temas do projeto e realizar a leitura crítica sobre os aspectos selecionados a partir do estudo preliminar. Para o desenvolvimento desta pesquisa foi feita a revisão bibliográfica através do estudo de obras dos seguintes autores: TIRIBA (2023); MARQUES (2009); DIAS & IRWIN (2013); SALLES (2013); KRENAK (2020); CONE & CONE (2015); PIORSKI (2016).

2. METODOLOGIA

A investigação utiliza a revisão bibliográfica como procedimento metodológico e para sua realização é feita uma seleção de textos sobre a temática do projeto, leitura e fichamento, discussão em grupo e produção textual a partir dos estudos. A ideia de um “carrossel da leitura” surge por meio dos encontros semanais realizados no grupo de estudos, que acontecem todas as quartas de manhã e reúne estudantes e professores da Graduação, assim como participantes da comunidade, especialmente professoras de Dança em atuação no espaço escolar. Como o projeto tem como interesse principal pesquisar o tema Dança na Educação Básica, mais especificamente voltado ao ensino de dança para crianças em fase de escolarização, o carrossel é uma forma de dialogar com o universo infantil através da ludicidade. No mundo acelerado contemporâneo, muitas vezes, o estudo teórico deixa de ser atraente e, na tentativa de investir em um estudo aprofundado, o grupo decidiu por criar este “carrossel da leitura”. Até o presente momento foram feitas sete leituras, sendo estas: 1º) Educação infantil como direito e alegria – em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias (TIRIBA, 2023); 2º) Corpos lúdicos: corpos que brincam e jogam (MARQUES, 2009); 3º) Pesquisa educacional baseada em Arte: A/r/tografia (DIAS & IRWIN, 2013); 4º) Gesto inacabado: processo de criação artística (SALLES, 2013); 5º) Ideias para adiar o fim do mundo (KRENAK, 2020); 6º) Ensinando Dança para crianças (CONE & CONE, 2015); 7º) Brinquedos do Chão: a natureza, o imaginário e o brincar (PIORSKI, 2016). A cada semana um novo texto roda no carrossel e cada pessoa que fica com o livro faz um fichamento, acrescentando suas considerações para que, após todos os livros terem passado por todos os integrantes do grupo, possa ser feita uma discussão com

base nestas leituras e consequentemente uma produção textual. Durante os encontros, os integrantes comentam suas impressões sobre sua da leitura da semana e, com isso, é possível dar mais embasamento para o nosso repertório como grupo e novas possibilidades para desenvolver as práticas relacionadas ao ensino de dança.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro livro do carrossel tem autoria de Léa Tiriba, que aborda relações entre corpo e meio ambiente na educação infantil. A autora coloca que na escola de educação básica as crianças “[...] chegam e são conduzidas diretamente para as salas de atividades, para o refeitório, para a sala de vídeos ou TV, ou para onde for... não importa! Vão de um espaço fechado a outro, ainda que o dia esteja azul, que a hora seja propícia para um banho de sol ou de mangueira” (TIRIBA, 2020, p. 219). A autora problematiza o emparedamento das crianças na escola, o que provoca corpos cada vez mais imóveis, o que vai contra a ideia de expressão corporal idealizada pelo ensino de dança. No texto TIRIBA (2020) afirma que deixar as crianças sempre em salas fechadas, faz com que nas poucas saídas “a campo”, a agitação tome conta do seu comportamento, pois não estão acostumadas com o “mundo de fora”: animais, árvores, brinquedos naturais, jovens, adultos e até mesmo outras crianças. E é esse mundo fora das quatro paredes que possibilita novas conexões com pessoas, com o ambiente e com o contexto onde as crianças estão inseridas. É no meio natural que se compreende que o humano também é natureza, então, nos perguntamos: por que insistir na divisão entre ser e meio e no distanciamento entre corpo e recursos naturais se somos elementarmente dependentes da natureza? Com estas reflexões, começamos a pensar práticas de ensino de dança que possam ser feitas fora das salas de aula, ocupando pátios e espaços verdes das escolas e de parques públicos. Em seguida, Isabel Marques (2009) nos faz refletir que nós somos corpo, logo, toda a experiência que vivenciamos se dá através dele, bem como mostra que a ludicidade (através de jogos e brincadeiras) é uma ferramenta que possibilita esse corpo a pensar, confeccionar e se relacionar. Seus estudos provocam no nosso grupo de pesquisa reflexões sobre a atitude docente frente a uma turma de estudantes, e nos faz acreditar na relevância da aproximação do adulto ao mundo da criança, onde tudo pode vir a ser fabulação, fantasia e faz de conta. Nesse sentido, no mesmo passo da autora, questionamos: em que momento a brincadeira vira dança? É possível uma dança brincante? Como o ato de brincar possibilita o interesse pelo aprendizado da dança na escola?

A nossa terceira leitura diz respeito a uma das metodologias de pesquisa utilizadas pelo grupo, que é a a/r/tografia (DIAS & IRWIN, 2013), uma metodologia alternativa que se utiliza de três fazeres na sua realização: a criação artística, a pesquisa científica e a docência. Esse tipo de investigação coloca luz nos trabalhos de artistas-professores-pesquisadores, que não conseguem separar suas funções nas práticas profissionais. Foi importante esta leitura para o grupo para a compreensão da invenção do “Minhocário”, por exemplo, um evento performativo que fazemos em escolas e em espaços públicos, que torna possível a comunhão entre o fazer artístico – ao promover uma performance –; o fazer investigativo – ao refletirmos e criarmos métodos próprios de investigação nesta ação artística –; e o fazer docente – ao pensarmos modos de ensinar dança a partir desta ação. O “Minhocário” também envolve a relação com o meio ambiente, estudada no texto de TIRIBA (2023) e a ludicidade, concepção estudada no texto de MARQUES (2009).

Já em “Gesto inacabado: processo de criação artística”, SALLES (2013) traz um aglomerado de ideias acerca do processo de criação em arte, trazendo pontos de vista de artistas que trabalham com as artes visuais, a dança, o teatro, a música, entre outras artes. Igualmente, faz uma comparação entre processo e produto, tentando dar mais atenção ao processo e afirma que, mesmo que possamos ter uma ideia “pronta” em mente, ao explorá-la, pode ser que o processo nos leve para outros caminhos que nem tínhamos imaginado ir, possibilitando ainda ter conexão com a ideia inicial ou então, mudar totalmente. Com base nisso, é necessário incluir possibilidades de experimentação como o acaso e o erro, utilizar meios – projeto poético e leitores particulares – para registrar ou auxiliar na construção da obra e pensar que em relação aos receptores, há outras formas de trazê-los para a obra sem ser somente na hora de ver o “produto final”, ou seja, convidá-los para fazer parte do processo pode se tornar ainda mais interessante. Relacionamos isto também com o ato docente que, a nosso ver, deve envolver uma avaliação contínua e não apenas a avaliação do resultado final de aprendizagem. Nesse caminho, questionamos: em que medida o processo indica nossos próximos passos, seja como artistas, pesquisadores ou professores de dança?

Em KRENAK (2020), retomamos a reflexão que construímos a partir do primeiro livro e do que estamos desenvolvendo no projeto, identificando assim que somos natureza e tendo a proposta de mostrar isso para as comunidades onde estamos envolvidos. Muitas vezes, olhamos tanto para nós mesmos ou para outras pessoas e esquecemos de permitir esse olhar para as árvores, o céu, as montanhas, o mar e as inúmeras histórias que elas/es podem contar e que muito rapidamente podem perder espaço para grandes infraestruturas prediais. Por fim, o autor mostra uma possibilidade de articulação da dança com a humanidade que pensamos ser. Para o autor:

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (KRENAK, 2020, p. 26-27)

Seguindo o carrossel, o casal CONE & CONE (2015) traz em seu livro o tema do ensino de dança para crianças e a primeira reflexão provocada é “O que a dança desenvolve?” e então, é explicado que as crianças “ampliam suas habilidades e usam a capacidade de pensar criticamente, quando solicitadas a aprender, executar e criar danças, assim como a responder aos estímulos por ela provocados” (p. 21). Ademais, em cada capítulo, os autores dão ideias de atividades e reflexões a serem feitas em sala de aula a respeito do conteúdo de conhecimento. Nesse momento, é possível perceber como na infância as relações interpessoais, consigo próprio e com o ambiente são facilmente reconhecidas como indissociáveis, algo que vai mudando no decorrer do tempo de vida. Por fim, o texto de PIORSKI (2016) conta sobre a relação fundamental entre o imaginário da criança e a natureza, e defende a pauta de que o objeto brinquedo

não existe sem o ato de brincar, sem a brincadeira. É durante o ato de brincar que a criança se coloca presente no mundo, têm percepções, faz relações e descobre novas e infinitas possibilidades, e por isso se torna tão importante que os jogos e a brincadeira não sejam somente guiados por uma geração digital e de tecnologia sem fim, mas relacionar-se com a natureza e explorar o mundo como toda criança deve ser permitida a fazer.

4. CONCLUSÕES

Durante o carrossel de leituras, observa-se uma ampliação de conhecimentos a partir dos livros escolhidos, tal qual as novas possibilidades de ensino no projeto. Ao incorporar a ludicidade e a interação com o universo infantil, o projeto busca tornar o estudo mais atrativo e acessível, fazendo com que nossas ideias se relacionem e possamos compartilhar o conhecimento que adquirimos a partir das leituras em conjunto. É fundamental reconhecer a importância de adaptar métodos de pesquisa e ensino para se conectar com as crianças e tornar o aprendizado mais significativo, e além disso, conhecer e reconhecer maneiras de tornar a pesquisa também atrativa para o pesquisador. No carrossel de leituras, acreditamos que o estudo não se torna maçante por alguns motivos: por ser semanal, o que dá tempo de assimilar as ideias entre um texto e outro; pelo estímulo do próximo livro que está por vir; pelo compartilhamento de ideias no grupo; e pelo imaginário visual de um carrossel de livros rodando. Portanto, torna-se importante compreender como o carrossel funciona, de forma a instigar os estudos do grupo, projetando a atividade como possível exercício que poderia ser produzido de forma pedagógica para o próprio público escolar, escolhendo livros que se encaixem na faixa etária dos alunos e tornando assim, a leitura mais divertida e social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONE, Theresa Purcell & CONE, Stephen L. **Ensinando dança para crianças**. Barueri, SP: Manole, 2015.

DIAS, Belidson & IRWIN, Rita L. (orgs.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2020.

MARQUES, Isabel. **Corpos lúdicos: corpos que brincam e jogam**. In: UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL (ULBRA). O lúdico na prática pedagógica. Curitiba: Ibpex, 2009.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do Chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. Editora Peirópolis, 2016.

SALLES, Cecilia Almeida. Estética do movimento criador. **Gesto Inacabado: Processo de criação artística**. São Paulo: Intermeio, 2013.

TIRIBA, Lea. **Educação infantil como direito e alegria – Em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.